

FORA VALENCIUS

QUANDO A LUTA REACENDE O DESEJO

POR BRUNO C. DIAS | FOTOGRAFIAS DE PÂMELA PEREZ

Estava tudo muito calmo, até. Ao menos, na superfície. Transformada em lei há quase 15 anos (completou no último dia 06), o processo de desinstitucionalização da atenção psicossocial, mais conhecido como lei antimanicomial seguia seu curso de política pública.

Não que não houvesse batalhas em curso, é claro. Parte integrante de uma estrutura ministerial e de um governo que, mesmo que historicamente comprometido com valores progressistas, vinha mantendo o subfinanciamento crônico e apoiando práticas mercantilistas no interior do Sistema Único de Saúde (SUS), a Coordenação-Geral de Saúde Mental, Álcool e Drogas do Ministério da Saúde (CGMAD/MS) seguia suas linhas de ação: prioridade da atenção psicossocial junto à Estratégia Saúde da Família, implementação - ainda que de forma lenta - a Rede de Apoio Psicossocial (RAPS), e negação total do debate político para a realização da 5ª Conferência Nacional de Saúde Mental Intersetorial.

Estava tudo muito calmo. Até o momento em que os interesses palacianos falaram mais alto do que os republicanos e puseram o Ministério da Saúde no balcão de negociações dos podres poderes de Brasília e, em nome de uma dita governabilidade, nomeou-se Marcelo Castro em 05 de outubro de 2015.

Se parte das ações e dos encaminhamentos da gestão anterior foram mantidos sob a nova direção, Castro havia de escolher a saúde mental para deixar a marca de sua gestão, assinalando o compromisso com os setores mais conservadores do pensamento da medicina e da psiquiatria. Em reunião com mais de 600 representantes de entidades profissionais e acadêmicas e movimentos sociais realizada em 10 de dezembro de 2015, o ministro anunciou Valencius Wurch Duarte Filho para a chefia da CGMAD/MS, mostrando uma postura irredutível na escolha do ex-diretor técnico da Casa de Saúde Dr. Eiras de Paracambi, cidade do estado do Rio de Janeiro, instituição esta que carregou o sombrio título de maior hospital psiquiátrico privado da América Latina até março de 2012, quando foi definitivamente fechada.

Com a força de uma faiscante centelha, a decisão de Castro operou uma verdadeira explosão que jogou para o alto tudo o que estava aparentemente calmo, revelando cada contradição; cada peça de uma política reativa que - por interesse ou decorrência - se mostra um retrocesso descomunal nas formas de entendimento, de respeito e de posicionamento ético-profissional no trato e no cuidado da loucura, da diferença, e a da assistência à saúde e à vida das pessoas afligidas pelo sofrimento psíquico.

O som foi audível, o recado, claro, e o Fora Valencius começou a ecoar em toda a sociedade brasileira, tanto nos serviços e nos espa-

ços que conformam a RAPS quanto na academia, nas páginas de jornais e sites de imprensa e no dia a dia do Ministério, movimentado pela ocupação do gabinete da CGMAD - intervenção política que ultrapassa a marca de 100 dias.

O Fora Valencius tomou as ruas. As ruas, sempre elas a nos mostrar por onde passam os verdadeiros espaços da cidadania; a orientar e ensinar que o processo de desinstitucionalização não pode ser só uma lei, mas sim um constante processo de mobilização e de debate social sobre os papéis e possibilidades da loucura e da diferença em sociedade.

A ocupação permaneceu por 121 dias, um pouco mais de quatro meses de produção de novos sentidos em Saúde Mental, que só foi desmantelado por ação coercitiva da Polícia Federal, após expedição por parte do Judiciário de um mandato de reintegração de posse movido pela União.

O agravamento da crise política do governo Dilma Rousseff levou a uma grande mudança dos atores num curto tempo. Com a saída de Marcelo Castro do comando do Ministério, uma nova rodada de discussões com movimentos sociais com José Agenor Álvares da Silva, ministro interino, acelerou a exoneração de Valencius, assinada na portaria 916, publicada no Diário Oficial da União em 09 de maio.

Toda essa movimentação ficou expressa na cobertura afetiva-jornalística-clínica feita pela carioca Pâmela Perez. Lotada atualmente no CAPS infantil Maria Clara Machado, no subúrbio do Rio, Pâmela é formada em psicologia há 15 anos e trabalha com fotografia há 10. Começara no início do ano passado a mesclar esses campos numa produção audiovisual sobre autistas adultos.

A convocação do Fora Valencius e o chamado de tantos colegas para que ela fizesse as fotos dos atos foram tão demolidores de certezas de Pâmela. "Sempre tive a convicção de

que seria somente psicanalista até que chegou a fotografia. Levei um tempo para entender que poderia fazer as duas coisas ao mesmo tempo”, explica.

Acompanhar a mobilização na audiência pública realizada na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj), em 14 de dezembro de 2015, e a manifestação (L)Ocupa Brasília, em 14 de janeiro deste ano, mostrou a força os corpos em luta para a profissional e, principalmente, que a Reforma Psiquiátrica é e sempre será uma construção.



“A reforma foi feita há 30 anos, e essa luta estava adormecida. Vimos que não tem nada garantido, dada a facilidade da nomeação de Valencius, que pode pôr por terra um projeto de muitos anos. Colocar o meu corpo e registrar tantos outros nas manifestações mostrou que não será tão fácil assim”, disse ela, destacando a capacidade que os registros visual e audiovisual têm de tornar concretos trabalhos singulares e subjetivos feito no dia a dia da Saúde Mental no SUS.

“Fiquei feliz em perceber como minha fotografia pode ser registro histórico, pode ser jornalismo e como pode ser clínica também. Quem trabalha com saúde mental tem muito desejo. Isso acaba se transformando em força política, mostrando um serviço que fazemos tão bem. Não estamos falando somente da imagem, mas de um trabalho com esse paciente que está no mundo para mostrar a sua potência dentro deste movimento, em prol da diferença e pela liberdade de expressão e de existência. Isso eu ganhei para a minha vida”, completa Pâmela, que divide nas próximas páginas 15 olhares das manifestações do Fora Valencius.







SAÚDE MENTAL





Pâmela Perez,
a fotógrafa